

I CONGRESSO INTERNACIONAL MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO

Brasil, 200 anos depois.

25 a 27/04/2023, evento on-line

GT 05. Gênero, Sexualidade e Educação

EXPRESSÕES DO BARRO:

Performances encenadas por mulheres artesãs do Jequitinhonha em diálogo com a natureza, com a vida e com [M]atemática[s]

Rafael Antunes Machado – FaE/UFMG

Carolina Tamayo Osorio – FaE/UFMG

RESUMO

Neste projeto, aproximamo-nos teórica e metodologicamente do pensamento do segundo Ludwig Wittgenstein em interlocução com a opção decolonial e com ações de educadores (matemáticos). Abrir-nos-emos aos diálogos com artesãs do Jequitinhonha, das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, na cidade de Turmalina (Minas Gerais, BR). Problematizaremos a questão: como mulheres artesãs se movem em um corpoterritório que emerge por e com práticas artesanais em meio ao cerrado mineiro e à academia? Nessa instância, “olhar os corpos como territórios vivos e históricos que aludem a uma interpretação cosmogônica e política onde vivem nossas feridas, memórias, saberes, desejos, sonhos individuais e comuns (...)” (CRUZ HERNANDEZ, 2017, p.43). Metodologicamente, adotaremos uma análise das práticas socioculturais das artesãs segundo a terapia filosófica de Ludwig Wittgenstein, em uma premissa *work in progress* assumindo que a “possibilidade de incorporação de acontecimentos de percurso são as ontologias da linguagem” (COHEN, 2016, p.1). Assim, das nuances e dos entremeios do processo de pesquisa, afastar-nos-emos do desejo de aprender a essência das práticas do artesanato do Vale do Jequitinhonha para, então nos aproximarmos delas enquanto jogos de linguagem completos, reconduzindo nosso olhar ao chão das práticas.

Palavras-chave: corpoterritório, mulheres, decolonialidade, artesanato, linguagem

Primeiros movimentos

Traremos, nas páginas seguintes, potencialidades que o Vale do Jequitinhonha fez brotar, entre recortes e vivências entre escola, Vale e academia (e outros tantos espaços). Especialmente, nosso convite reside em experimentar as/com comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, zona rural do município de Turmalina, interior de Minas Gerais. O convite é pra ir lá, presencialmente, experimentar a hospedagem solidária, o café *sejabemvindodemineiro*, os doces (de feijão, inclusive), o biscoitinho de queijo frito (é um biscoitinho, mas tinha outro nome. Alguém sabe? Parecia massa de pastel, mas muito melhor.) Experimentar a mão na terra, a poeira que sobe, o cheiro do pequi que começa a cair. Conheçam!

Para quem não puder conhecer, fisicamente, Turmalina, segundo levantamento do IBGE¹, é um município com 18.055 pessoas (em 2010) ocupando uma região de 1.153,111 km² no Alto Jequitinhonha.

¹ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/turmalina/panorama>

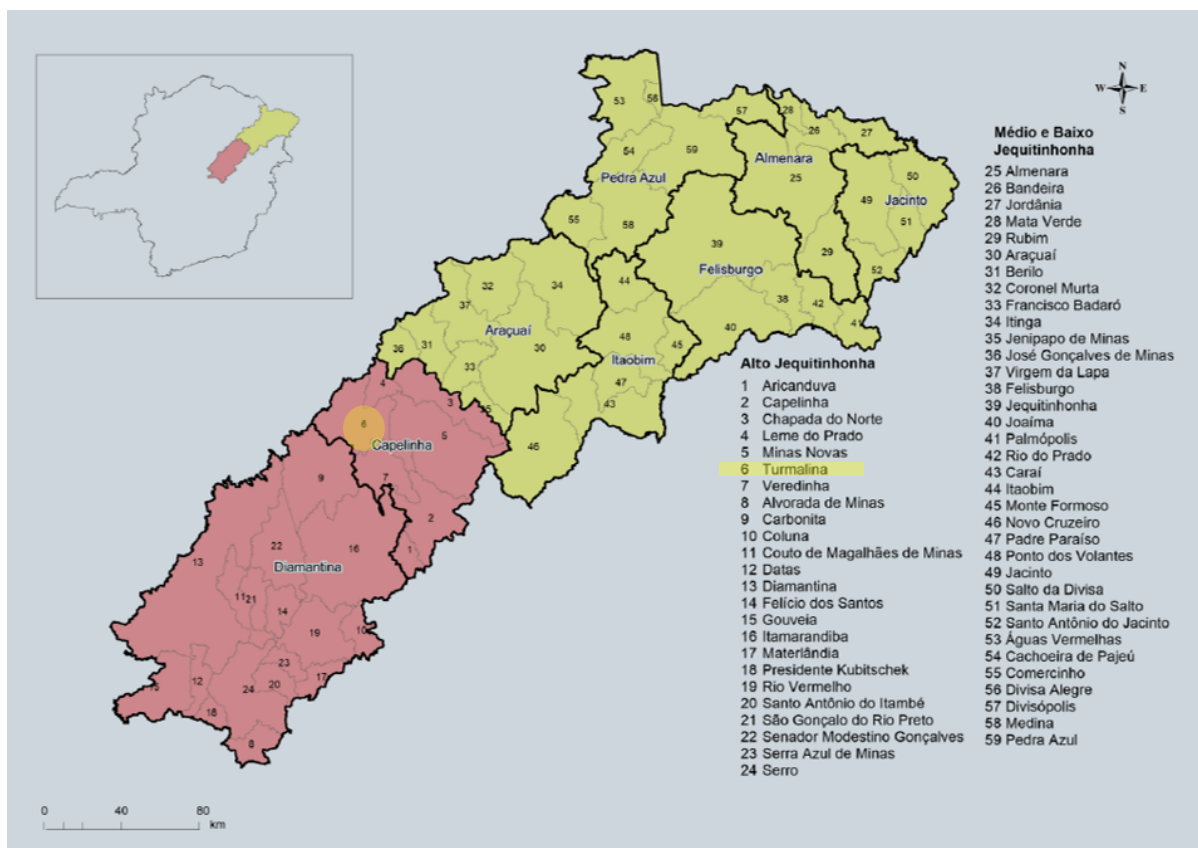


Figura 1: Vale do Jequitinhonha. Disponível em: <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/wp-content/uploads/2019/03/Picture1.png> Acesso em 24 fev. 2023.

No processo do mestrado, deparei-me² e explorei a minha postura de professor de matemática frente a novas concepções de produção de conhecimento por meio de uma prática artesanal. Essa prática, o artesanato em barro, mobilizado por mulheres, não se atinha a processos enrijecidos de medição e costura de significados chamados de matemáticos no contexto disciplinar. Entretanto, construía significados próprios àquela prática e que, sim, caminhavam paralelamente ao conhecimento produzido na universidade.

No meu atual processo, o do doutorado, percebo que meu contexto de agora me permite um diálogo em mais uma instância com aquelas artesãs. Não busco por preencher lacunas que descobri em meu anteriormente, mas adentrar por essas potenciais zonas de conhecimento e compreender como a prática artesanal se manifesta segundo uma gramática própria de conhecimentos, tempos e espaços daquele povo. Para além do meu *corpoprofessor*, vislumbrar aquelas práticas artesanais como indissociáveis de um *corpoartesã* (e vice-versa) em uma constituição íntima com a natureza própria daquele

² Ao longo do texto haverá momentos em que a primeira pessoa do singular será usada. Estes pontos dizem respeito ao processo do autor Rafael Antunes Machado ao longo do mestrado e em outros momentos. A primeira pessoa do plural é compartilhada entre Rafael e Carolina Tamayo, coautora deste texto e orientadora do doutorado de Rafael.

corpoCerrado. Aqui, “o horizonte se expande no contato diversificado com formas conhecidas da vida humana e não humana por meio de leituras, do convívio variado (...). (TAMAYO, 2017, p. 53).

Uma prática sócio cultural, aqui, que tenta se desvencilhar da captura pela linguagem, mas articular-se intimamente com ela. “Uma imagem nos mantinha presos. E não pudemos dela sair, pois ela residia em nossa linguagem, que parecia apenas repeti-la para nós inexoravelmente”. (WITTGENSTEIN, IF-§115).

Linguagens, também, para além da fonocentrada: cantada, esculpida, pintada, modelada em corpos, plantada, cavada, numerizada. A terra e suas linguagens. O artesanato em barro como uma linguagem política, estética, de resistência, de sobrevivência, de encantamentos. O artesanato em barro de certas comunidades do Vale do Jequitinhonha como linguagens que emergem em meio às necessidades de uma terra. O artesanato em corpos que se inserem e se afirmam, corpos como primeiros territórios no existir.



Figura 2: A linguagem se faz viva pelos corpos das mulheres ou as mulheres, assim, vivem pela existência da linguagem?

Fonte: fotografia própria, 2021.

Avançando com e pelo caminhar

O espaço é a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade; é a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; é a esfera da possibilidade da existência de mais de uma voz. Sem espaço não há multiplicidade; sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é, indiscutivelmente, produto de inter-relações, então isto deve implicar na existência da pluralidade: multiplicidade e espaço

são co-constitutivos. (Doreen Massey. Filosofia e Política da Espacialidade: algumas considerações. GEOgraphia, 2004).

Estive no Vale (do Jequitinhonha) em janeiro deste ano (2023). Revisitei os lugares da pesquisa que desenvolvi no mestrado e, em especial, reencontrei as pessoas. Pensando daqui, depois do tanto que andei e do tanto que se passou, uma pandemia no meio do caminho, alguns desencontros, mas várias satisfações, não sei se a minha satisfação residiu no lugar ou nas pessoas. Ali, naquele contexto, nem sei se posso dissociá-los. Assim como nos diz Dona Faustina³, em Machado (2021) “A terra fez o jeito de viver daquela gente”. Pensando cá com Dona Faustina, passo a assumir que, assim como Haesbarth (2021), nenhuma dinâmica social se realiza sem extensão geográfica e duração histórica. Olha que inusitado – ou não –: ali, Dona Faustina já abria caminhos por entre o cerrado e me indicava vertentes. Melhor, ali, ela me indicava a potência dos seres naturais daquela terra e o quanto aqueles corpos – humanos e não humanos – conseguiam se fundir na produção de sabenças.

Algo na paisagem havia mudado que nos conduzia ao Campo Buriti e ao Campo Alegre, mas eu não conseguia identificar, apesar de evidente. Meu pai estava comigo no carro e ainda comentei: “Parece que nunca passei neste caminho. Você está fazendo outra rota?”. “Não. São os eucaliptos. Já estavam em idade de corte”. Eu não percebi que uma plantação com árvores com mais de 30m de alturas havia sumido... Cada espaço tem diversos lados pelos quais permite ser visto, percebido e/ ou interpretado. Escrevendo de cá, da mesa de peroba rosa, olhando para a minha cidade de barro, fico me indagando: “Como eu não percebi que aquela monocultura não estava mais ali?” Seria possível uma imagem, uma imagem performática sobre isso? Uma imagem que dialoga com os jogos brincados por diferentes seres naturais, em diferentes contextos sociais, por diferentes formas de vida. Uma imagem que me leve a pensar em ence(ensi)nações (TAMAYO, 2017) nos terrenos da educação (matemática). No caminho que me leva às práticas artesanais, às práticas sociais de uma gente, aos **matizes** de sabenças, ainda percebo monoculturas. Essas árvores, em idade de corte, alcançarão seu fim, mas não a extinção: outras sementes, outras mudas, da mesma **matriz**, continuarão o ciclo. Algo para o qual me atento, agora, após escrever esta passagem: os eucaliptos margeavam a estrada de terra batida, mas não adentravam por ela. Faz parte desta imagem, também, vislumbrar escapes, zonas de fuga, poros, interstícios a percorrer frente à normatização de saberes? A proporção da monocultura frente aos **campos de artesanaria** era desleal, incomparável. Mas a (r)existência se fazia naquele meio.

³ Os nomes próprios das artesãs que constam nesta comunicação partem da pesquisa de mestrado do autor Rafael Antunes Machado intitulada “‘A gente tem a experiência do barro’: entre artesãs, Joana, Rafaéis e (quem sabe?) uma etnomatemática junto à decolonialidade”. As interações com as pessoas ocorreram após aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

O acontecimento residia no caminho ou na expectativa da chegada? Aliás,

Um acontecimento não mereceria seu nome, não faria nada acontecer se outra coisa não fizesse senão desenvolver, explicitar, atualizar o que já era possível, ou seja, em suma, se se resumisse a desenvolver um programa ou a aplicar uma regra geral a um caso, para que haja acontecimento, certamente é preciso que ele seja possível, mas também que haja um interrupção excepcional, absolutamente singular, no regime de possibilidade; é preciso que o acontecimento não seja, simplesmente, possível; é preciso que não se reduza a uma explicação, ao desenvolvimento, à passagem ao ato de um possível. (DERRIDA, 2004, p.281)

Para o mesmo autor, quando o impossível se faz possível, o acontecimento tem lugar.

Isso tudo antes de chegar às comunidades.

Registrei algumas cenas em fotografias, pelo meu celular, ao longo do caminho. Fiquei encantado, especialmente, com o céu daquele dia: azul, azul, azul, lindo! Manchado por nuvens brancas e rajadas de fios dourados de sol. Espetacular! Seria a minha emoção dando cores ao céu? Suspeitas. Uma cena emoldurável, não somente o céu, mas o cenário como um todo: contrastes entre *azulcéu*, *marromterrabatida*, *verdeeucalipto* e *verdecerrado*. Ah como gosto dos matizes! Além dos animais humanos, notei, apenas, um casal de seriemas em meio à vegetação *não-eucaliptica*. Mais rastros de (r)existência. O espaço, como Haesbarth (2021), como uma combinação de múltiplas perspectivas em que cada indivíduo e/ou grupo, na especificidade de sua condição de classe e identidade – e de gênero, de raça ou nação – percebe e constrói, de um modo, sua visão específica de mundo, nunca alheio à condição espacial na qual está imerso.

Tenho falado em práticas socioculturais, mas preciso delimitar um pouco mais a minha abordagem sobre o tema – sim, explicarei reiteradas vezes, para mim mesmo, até que eu tenha condições de refutar um conceito ou abraçá-lo por completo. Por ora, assumirei essas práticas como dizeres e fazeres – corporais – que mobilizam valores, conhecimentos e memórias e envolvem um conjunto de ações para que um propósito seja atingido. Certas vezes, buscarei me afastar das “encenações, mas com cuidado nas articulações desiguais de poder” (HAESBARTH, 2021, p.52), vendo de longe outras conexões que se formam e se integram.

Percebo, aqui, pela definição algo de sequencial, mas não programável, *iterativo*, mas não repetitivo. Vamos lá: sequencial porque necessita de algum cadenciamento de processos a fim de quem um objetivo final seja alcançado. Não programabilidade porque, dadas as práticas corporais de seres naturais sujeitos às emoções e as interações, por exemplo, o elemento imprevisibilidade está imerso em todo o processo. Mesmo que haja rumores de que o aleatório já faz parte da programação, não assumo esta hipótese. Concebo os corpos e as

ações, por vezes, indomáveis. Iterativo, seria um sinônimo para sequencial? A *iterabilidade* diz aqui para mim da possibilidade de atos de linguagem serem repetidos ao longo do tempo e da possibilidade da sua reinvenção. “[...] *iter*, de novo, viria de *itara*, outro em sânscrito, e tudo o que se segue pode ser lido como exploração desta lógica que liga a repetição à alteridade [...]” (DERRIDA, 1991, p.410-411). Aqui,

a linguagem, ao mesmo tempo, é iterativa e performativa. Iterativa ou repetitiva porque cada encenação da linguagem mobiliza ou reencena rastros de significados das próprias encenações precedentes da cidade, preservando-lhe, em grande medida, a memória. Mas, as reencenações da linguagem podem também se mostrar performáticas sempre que, ao mobilizarem imprevisíveis rastros de significados de outras encenações, inventam inéditas e surpreendentes composições cênicas da memória da cidade da linguagem. Assim, a velha cidade que é a nossa linguagem, ela própria, no conjunto de sua materialidade arquitetônica, está sempre sendo reencenada, e o conjunto dessas reencenações simultâneas e heterogêneas itera conservando e performa transformando a paisagem e a memória de toda a cidade. (MIGUEL, 2016, p. 377)

Uma prática sociocultural enquanto uma encenação da linguagem é iterada e performa, porém aqui cabe dizer que ela não itera e performa do mesmo modo para todos, e nem permanece igual no transcurso do tempo. Não existe algo genérico ou específico que se aplique ou se transfira a todas as encenações da linguagem. As mudanças podem previstas? Elas são acontecimentos? Toda iteração e performance deixa *rastros*?

Pouco falamos de uma [M]atemática aqui. De antemão, sobre o uso da palavra, Tamayo (2017) afirma que sua significação é dada com o uso dela que fazemos em diferentes situações e contextos. A partir dessa premissa, consigo avançar nas significações que venho construindo por [M]atemática[S]. Não, não compartilharei agora, mesmo que fosse esperado. Adentrando, ainda, sobre potencialidade,

Dizer ou escrever é, de uma vez só, assumir a herança da língua natural e de linguagem comum *ao tempo em que se as formalizam*, dobrando-as essa abstração formalizante, cujo poder carregam originariamente: o uso de uma palavra ou de uma frase, por mais simples e ordinárias que sejam, a operacionalização do seu poder, é já, pela identificação de palavras iteráveis, uma idealização formalizante; portanto, não há mais linguagem *puramente* comum, tanto quanto não há mais linguagem puramente filosófica, formal ou, em qualquer sentido que seja, extraordinária. (DERRIDA, 2004, p.272)

Antes disso, preciso, ainda, compreender as práticas socioculturais como encenações. Já diz um tanto, mais ao mesmo nem tanto assim. Em palavras de Tamayo (2017) “cantar, tecer roupas, tecer cestos, tecer redes etc. podem ser vistos como jogos de encenações miméticas de linguagens ou de práticas culturais que, como base na memória coletiva da comunidade, são mimeticamente iteradas de uma geração para outra.” Confeccionar artefatos em barro como atividade mimética. Aprender como atividade geracional de corpos. Aprender matemáticas segundo práticas sociais. Construir

matemáticas a partir de práticas sociais. Matemáticas como práticas sociais... tenho apreço por essa digressão e tentarei consolidá-la ou, ao menos, corporificá-la em escrita. Aqui, sim. Como concebo [M]atemática[s]? “Os jogos de linguagem estão aí mais como objetos de comparação, os quais, por semelhança e dissemelhança, devem lançar luz nas nossas relações com a linguagem” (WITTGENSTEIN, IF-§130).

Assim, em uma virada *vital-praxiológica* no sentido de Miguel et al (2022, p. 20) para “desconstruirmos a pureza cristalina do ouro do cetro mágico através do qual a ‘rainha das ciências’ insiste em eliminar dos nossos caminhos as impurezas do solo áspero do qual brotam e vicejam as vidas em todas as formas de vida”.

Aliás, o que me mobiliza? Com quais práticas socioculturais quero dialogar?

Durante anos tenho sido encantado pelas práticas desenvolvidas, prioritariamente, por mulheres artesãs das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, zona rural do município de Turmalina, Minas Gerais, em pleno cerrado do Vale do Jequitinhonha. Olha eu lembrando, aqui, do doce de feijão da Dona Faustina e do biscoitinho de queijo que não sei o nome da Tereza. E também, da cidade das casinhas de barro. E de dona Rita Marcelino. E de Fábria. E de Renato. Às vezes tento associar minha admiração pelo barro com a minha postura no mundo a maleabilidade do barro, antes da queima, com minhas afetações e entrecaminhos. À mudança de cor do barro queimado, com minhas ressignificações de acontecimentos.

Voltando-me para as mulheres daquelas comunidades, as Rainhas do Vale, percebo que suas formas de interferir – melhor, de relacionar com o espaço que habitam e as habitam – na realidade que as habita e que habitam fazem delas sobreviventes e expoentes de (r)existência em uma sociedade ainda vigiada pelo masculino. Aqueles reis, daquela terra com monstros. Essas mulheres, então, desafiam-me a “pensar em matemáticas como conjunto de ações corporais performadas que produzem saberes, sentimentos e valores em formas de vidas determinadas”. (RESTREPO & OSORIO, 2020, p.62). Apreço, também por esse cerceamento do que vislumbro por matemáticas. Cerceamento, será? Soou estranho, mas deixarei aqui. É preciso, então, “ver o nosso corpo como um território quanto no de estender a outros seres e ambientes uma leitura a partir da corporeidade humana, ainda que, reiteradas vezes, como uma problemática extensão de nosso antropomorfismo, nossa configuração corporal humana” (HAESBARTH, 2021, p.56)

Ao longo do processo do mestrado, também dialoguei com algumas artesãs dessas comunidades e, sem dúvidas, um diálogo caloroso com o cerrado. Ali, naquele percurso, atentei-me para minhas práticas de professor de matemática afetadas por outras existências. Ali, o eu era central, operante e idealizador. Aqui, outros matizes aparecem. As imagens

abrem-se em novos rastros, em novas experiências que trafegam pelo meu corpo. Pensando no caminho por entre os eucaliptos, e nas expectativas consideradas para a chegada.

Abrindo fissuras por entre as discussões – sem a prerrogativa de essencialismos e cristalizações – atentar-me-ei à terapia filosófica de Ludwig Wittgenstein “sem a pretensão de teorizar, de comprovar hipóteses ou de generalizar, sua atitude permitiu descrever outros caminhos que não pretendem ver o Mesmo no Outro, mas sim, situar cada jogo de linguagem na sua forma de vida.” (TAMAYO, 2017, p.165), permitindo, assim, um diálogo horizontalizado entre saberes. A terapia, aqui, segundo Rejane Siqueira Júlio,

aponta para os usos unilaterais que fazemos das palavras, ela não busca uma resolução ou um modo mais correto de falar e usar uma palavra, ela ajuda a nos esclarecer sobre os usos que podem ser e são feitos das palavras em circunstâncias políticas, educacionais, sociais, afetivas, económicas em que a significação é construída com determinados propósitos. (JULIO, 2019, p.98)

Letras acima trouxe as expressões ‘jogos de linguagem’ e ‘formas de vidas’. Aqui, mais uma vez. Ao longo da escrita, outras tantas, assim creio. Vamos lá. Melhor, deixem-me ir pelo caminho dos afetamentos. Enquanto estava no Vale durante minha pesquisa do mestrado, presenciei a conversa de duas artesãs, Tereza e Dona Pêdra, sua mãe. Elas, além da intimidade mãe e filha, conversavam com uma intimidade de quem conhece a gramática uma da outra, as regras dos códigos que emitiam verbalmente ou corporalmente, em sentido mais amplo. Fiquei encantado e meio com medo, confesso, quando ambas estavam socando os torrões de terra para peneirar e, em seguida, umedecer. Na gangorra, instrumento que faz este processo, Tereza controlava, em uma ponta, uma alavanca com os pés e, na outra um “socador” que reduzia a terra. Abaixo desse “socador”, a mão de Dona Pêdra colocando ou retirando torrões. Uma não olhava para outra, não se comunicavam verbalmente, tampouco com os olhares, porém Dona Pêdra sabia o quanto de terra podia retirar e em qual tempo o deveria fazer. Ninguém se machucou.

E daí? Aqui me encontro: “Na práxis do uso da linguagem, um parceiro enuncia as palavras, o outro age de acordo com elas. “Chamarei de jogos de linguagem o conjunto da linguagem e das ações com as quais está interligada” (WITTGENSTEIN, IF-§7). Dona Pêdra e sua filha detinham as regras daquele jogo e, assim,

(...) a linguagem vista como práxis sugere que praticar um jogo de linguagem se assemelha a participar de uma encenação, de uma performance corporal efetiva. O que Wittgenstein está querendo dizer é que sempre praticamos a linguagem com o corpo todo, e não apenas com a vibração culturalmente regrada de sons emitidos por nossas cordas vocais. (MIGUEL, 2016, p.372)

Nesse sentido, pensar nas ações de Dona Pêdra e Tereza, para além da cumplicidade leva-a na direção de que elas, pertencentes a um grupo específico, agem segundo suas regras e seus propósitos organizados em uma sequência própria àquelas brincantes. Elas,

enraizadas em suas formas de vida, com seus saberes e suas presenças, dialogam corporalmente e, assim, “o funcionamento da linguagem obedece a uma lógica que não pode ser logicamente explicada, porque ela fornece os canais ao longo dos quais fluem o sentido e o sem sentido, a razão e o pensamento.” (MIGUEL, 2016, p.381).

Fico receoso em pensar que há um jogo de linguagem voltado a cumprir um propósito normativo pré-definido pelo tipo de artefato que se deseja produzir neste jogo. Será que uma gramática pode ser seguida à risca? Será? Corpos diferentes, intermediando o barro e o artefato, são uníssonos quanto a sua atividade corporal? Correções e adaptações são previstas por essa gramática? Preciso pensar mais nessa problematização. Mais uma vez, não quero recair em práticas algorítmicas. Enquanto escrevia a passagem acima, lembrei-me de Dona Pêdra em meu percurso do mestrado. Um dos corpos que abrirão a artesanania em Campo Buriti. Um artefato característico daquele corpo é a “Cabeçada”, uma escultura em barro com diversas faces apontando para diversas direções. Vislumbrar, então, práticas sociais enquanto jogos de linguagem iterativos, mas não algorítmicos, e jogos de linguagem enquanto práticas sociais brincados, apesar de seguirem procedimentos intrínsecos àquela gramática.



*Figura 3: Cabeçada, em amplas direções. "Botija queixuda".
Antunes, C. Movimentos do Jequitinhonha: corpo e narrativa. Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2015.*

Pensar em seres naturais em interação na construção de saberes por meio de linguagens aquece, mais ainda, meu coração. Saberes esses são mesclados às práticas socioculturais daquele espaço. Questionamento reflexivo: os saberes que emergem por meio das práticas são acontecimentos?

Todos esses seres naturais, para além dos humanos, constituem-se como formas praticantes dos jogos que se instauram naqueles espaços. Ultrapassando dualidades, descompactando-as, cabe-me pensar e articular, ainda, como o meio geográfico se manifesta e é manifestado nos/pelos corpos humanos dos brincantes, perpassando dimensões culturais, sociais, estéticas, políticas, de gênero, dentre outras. Pensar nesses corpos como territórios, valendo-me de pensamentos indígenas,

não significa apenas o espaço físico e geográfico, mas toda a simbologia cosmológica associada a práticas sociais que regulam o uso do espaço. Para elas (indígenas), a territorialidade é o lugar onde é restabelecida sua cultura, compartilhando experiências e histórias que eles guardam sob a forma de uma consciência mítica e étnica, a territorialidade e um espaço de socialização no qual se encontram e se estabelecem relações de aprendizagem e de compromissos mútuos. Portanto, a territorialidade, mais que um lugar geográfico em que se vive, é um espaço simbólico em que se mantém viva a memória dos povos, seus costumes e tradições, envolvendo, assim, o conjunto social, humano e cultural dos povos. O território se constitui como conjunto de seres, espíritos, valores, conhecimentos, tradições que garante a possibilidade e o sentido da vida individual e coletiva. (TAMAYO, 2017, p.65)

Do que foi exposto pela bela citação acima, cabe considerar, ainda, o elemento *tempo*, indissociável do geográfico, na constituição dos jogos brincados pelos territórios. Brincar o jogo do artesanato como configuração do campo de artesanaria. Para Rogério Haesbarth (2021) deve-se notar que nenhuma dinâmica social se realiza sem extensão geográfica e duração história. A dinâmica social, então, constituinte da própria prática social ou percepções, imbricadas em relações de poder. Para o mesmo autor, há um jogo incorporados entre os mundos material e imaterial, superando outra dicotomia que vê o espaço como materialidade e o tempo como incorpóreo.

Algumas páginas atrás eu me questioneei sobre o que pretendia como [M]atemática[s] neste percurso que se abre. Creio que, iterativamente, percorro o caminho do nãochegar. Recorro, então, em mais uma fuga, a Ailton Krenak (2019) no que se refere à sensibilidade ao espaço natural e ao infeliz esmagamento que sensibilidades de um povo sofrem frente à máquina da modernidade. “Por que essas narrativas não nos entusiasma? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente?” (Krenak, 2019, p. 10). Percebemos aqui, escancaradamente, que a geopolítica do conhecimento, assim, em palavras de Tamayo (2017), “mediante as instituições de formação, mantém o pensamento eurocêntrico como o

mais hegemônico, exaltando a produção científicista com o intelectual e ‘universal’, relegando o pensamento do sul como ‘localizado’”.

A perspectiva decolonial na abordagem desses primeiros movimentos surge como uma necessidade de que os conhecimentos produzidos fora de centros poder ou acadêmicos sejam, sim, conhecimentos válidos e valorosos. A compreensão da decolonialidade nessas páginas é transmitida como ações que “surgiram e se desdobraram, do século XVI em diante, como respostas às inclinações opressivas e imperiais dos ideais europeus modernos projetados para o mundo não europeu, onde são acionados” (MIGNOLO, 2017, p. 2).

Mais ainda, a decolonialidade gira o foco para a sabença de seres naturais não-hegemônicos (ou pensar em contra-hegemônicos seria necessário para o que me pretendo?) ao “considerarmos o corpo como uma espécie de primeiro território, a própria condição corpórea já implica uma mudança de perspectiva, a começar pelas físicas, mas é claro, psicológicas, que modificam a percepção de mundo no decorrer de nossa vida (HAESBARTH, 2021, p. 45). Produzimos, então, nossa geografia, dentro de determinadas circunstâncias.

Com as exposições postas, consigo avançar, um pouco mais, nessa relação que proponho mediada pelos campos de artesanaria. Pensar nesses campos coloca-me a refletir que

A conceituação de território em nosso contexto vai muito além da clássica associação à escala e/ou à lógica estatal e se expande, transitando por diversas escalas, mas com um eixo na questão da defesa da própria vida, da existência de uma ontologia terrena/territorial vinculada à herança de um modelo capitalista extrativista moderno-colonial de devastação e genocídio que, até hoje, coloca em xeque a existência de grupos subalternos, habitantes de periferias urbanas (especialmente descendentes de negros e indígenas) e, de modo culturalmente mais amplo, os povos originários em seus espaços de vida. (HAESBARTH, 2021, p.162)

As discussões aqui pretendidas juntamente com as artesãs de Campo Buriti e Campo Alegre inserem-se, também, segundo Haesbarth (2021), em debates com ênfase ao corpo “ou melhor – sobre a corporeidade, definida por Alicia Lindón (2012) como ‘linguagem estrutural que transpassa o corpo (p.703)’ centrada nas práticas cotidianas” (p.165). Dado o exposto, consigo, enfim, apropriar-me de uma definição cara a este projeto de pesquisa. *Corpoterritório* (sem hífen) – *corpoterritóriodeartesãdoValedoJequitinhonha* – surge, então, como uma abordagem, a partir da perspectiva de gênero, que

ênfata o território relacionado à escala primordial do corpo, o “corpoterritório”, proveniente principalmente de proposições de pesquisadoras feministas (ou ecofeministas) e do movimento indígena, que atentaram para o poder da corporeidade ao mesmo tempo como objeto de exercício do poder e como sujeito (corporificado) de resistência. (HAESBARTH, 2021, p.163)

O sagrado, neste percurso de pesquisa, não esbarra na essencialidade, nem na busca pela essencialidade dos sentidos que as artesãs mobilizam ao praticar a lida do artesanato, mas no que essa prática e as corporeidades nos permitem para pensar a vida e a educação (matemática). O artesanato do barro, então, como uma linguagem, vislumbrando “escrituras, não devido à presença fônica do significado nem à presença gráfica associada a uma imagem acústica, mas sim devido ao fato desses artefatos poderem ser vistos como significantes que remetem a significantes por eles significados.” (TAMAYO, 2017, p.48). Consigo, então, abrir as porosidades (como as do barro) e redigir, inicialmente, um tensionamento que pode ser expresso no questionamento: **como mulheres artesãs se movem em um corpoterritório que emerge por e com práticas artesanais em meio ao cerrado mineiro e à academia?**

Mais um convite é feito a

[...] olhar os corpos como territórios vivos e históricos que aludem a uma interpretação cosmogônica e política onde vivem nossas feridas, memórias, saberes, desejos, sonhos individuais e comuns e, por sua vez, nos convida a olhar os territórios como corpos sociais que eles estão integrados na teia da vida e, portanto, nossa relação com eles deve ser concebida como um "acontecimento ético" entendido como uma irrupção diante do "outro" [...] (CRUZ HERNÁNDEZ, 2017, p. 43).

Assim, promoverei uma problematização de natureza terapêutica gramatical com base na filosofia de Ludwig Wittgenstein. “Para nós é como se tivéssemos que ver através dos fenômenos: nossa investigação, no entanto, não se dirige aos fenômenos, senão, como se poderia dizer, às ‘possibilidades’ dos fenômenos. Quer dizer, nós repensamos o tipo de enunciados que fazemos sobre os fenômenos.” (WITTGENSTEIN, 2017, § 90). Assumindo este lugar, então, afasto-me do desejo de apreender a essência das práticas do artesanato do Vale – como é chamado por seus moradores – e procuro, então, aproximar-me delas enquanto jogos de linguagem⁴ completos reconduzindo meu olhar para o chão das práticas.

Quando se deixa de ver a matemática como a matemática acadêmica ou escolar e passa a olhar para as práticas (matemáticas) como fazeres corporais inequívocos para que uma ação seja realizada de modo inequívoco, um campo de possibilidades se abre, como se interessar, por exemplo, pela rotina de trabalho. (JÚLIO, 2019, p.97. Parênteses meus.)

O fio que tece as práticas com o barro alinhava o pensar em [M]atemática[s] outra[s] que nasçam juntamente com as práticas, repletas de significações oriundas de um **corpoterritório** em constante movimento, sem que haja uma demarcação “clara de lugares,

⁴ “Rompendo com o desejo de se apreender a essência da linguagem, LW (IF-7) inventa a expressão jogos de linguagem para se referir aos ilimitados usos praxiológico-corporais que fazemos dos signos de qualquer tipo de linguagem no contexto de uma atividade que se realiza em uma forma de vida. Um jogo de linguagem é então visto como corpos humanos em (inter)ação simbólica com outros humanos ou demais seres naturais” (MIGUEL & TAMAYO, 2020, p. 5).

temas e papéis que refletem inequivocamente as hierarquias coloniais” (TAMAYO; PARRA, 2018, s/p). Ultrapassar as traduções que, segundo Tamayo (2017) produzem “deslocamentos de significações por diversos jogos de linguagem que produzem efeitos variáveis de significações (p.182)”

Pensando no exposto acima, Miguel (2014) – em um trabalho em granjas –, em uma perspectiva Wittgensteineana, traz à luz de diálogo com uma [M]atemática de corpos, distante de qualquer tradução, que

[...] faria sentido (mesmo que, em tal mundo, a palavra “matemática” não seja usada nesse sentido) falar-se em práticas matemáticas como o conjunto de jogos de linguagem normativamente orientados – isto é, orientados por propósitos inequívocos – que nele são realizados. Entretanto, tais jogos não devem ser vistos como uma transposição de uma “matemática escolar” ou de uma “matemática acadêmica” para a forma de vida granjeira. Assim, nesse mundo, os trabalhadores que encenam práticas normativamente orientadas, quer por regras definidas pela legislação, quer por outras de naturezas diversas, estariam envolvidos em atividade matemática, ainda que nenhum conteúdo “tipicamente matemático” (escolar ou científico-acadêmico) pudesse ser visibilizado ou percebido nessas encenações corporais (MIGUEL, 2014, p. 23).

Algo me encanta nas cabeçadas produzidas por Dona Pêdra, a imagem de fundo da página anterior. Penso nas cabeças, apesar de sobrepostas, interligadas em um corpo comum. Algo me leva na direção de pensar em práticas de corposterritórios em diálogo constante com o meio, carregadas de políticas, de gêneros, de sabenças, de desafios e, sobretudo de resistências. Penso no barro como algo suscetível às mudanças, que se expõe, abertamente, aos riscos do caminhar, que não traduz além de sensibilidades de corpos, especialmente de mulheres. O barro não é prescritivo, não aprisiona, não captura, não distingue, não julga. O barro é insumo, processo e produto sem linha de chegada. O barro, na mesma medida, é produzido por formas de vida, circularidades, reentrâncias, fissuras e, sobretudo, mutabilidade.

Os seres naturais daquele lugar são integrantes de todo o processo que me coloco a percorrer. Nesse sentido, em um objetivo geral que se pretende nesta pesquisa, buscarei analisar práticas de artesãs do barro de Campo Buriti e Campo Alegre segundo a terapia filosófica de Ludwig Wittgenstein e compreender como as artesãs se movem um corpoterritório que emerge por e com as práticas. Quem sabe, talvez, vivenciar, de cá, as práticas das artesãs em constante diálogo com seus corpos e com o meu. Pego-me, aqui, pensando no cerrado e na vegetação que ali se espalha, nos campos de artesanaria, à despeito das monoculturas que insistem em se instaurar.

As sementes, espalhadas pelo vento, pela chuva ou por animais (o ser humano é um animal), em condições propícias, germinam e fazem a vegetação se adensar naquele

contorno típico do cerrado. E, nesse contorno, *mulherescorposartesãs* emergem e me movem a pensar o território em conformidade aos seus corpos, suas ações, suas resistências, suas práticas sociais e sua[s] [M]atemática[s].

Por vezes, por fissura, soberba, ingenuidade ou ignorância, não nos atentamos para o que o panorama tem a mostrar. Esquecemos que fenômenos não ocorrem isoladamente e que os agentes constituem uma única paisagem, porém facetada em diferentes linguagens. “Todo signo sozinho parece morto. No uso, ele vive.” (WITTGENSTEIN, IF - §432)

Investigações acerca de métodos

Una metodología es siempre una ficción.
Lucía Egaña Rojas

Mesmo que o método me diga aonde devo chegar, consigo sentir a delícia do caminhar. Terapias, como dessas de se levar algo para o divã, porém não exatamente essas. “Não há um método da filosofia, mas sim métodos, como que diferentes terapias”, (WITTGENSTEIN, IF-§ 133) uma terapia filosófica como algo interno à linguagem. Uma metodologia que se pautar na investigação Wittgensteiniana

Quando eu observava os meus artefatos do Vale do Jequitinhonha, achava que, após a queima da cerâmica, vinha a cobertura pela tinta. Normalmente, a queima é a última etapa do processo. As cores, pigmentos, tonalidades, são depositadas nas peças antes da queima. E não é tinta, é óleo.

O óleo tudo mais é um pigmento originário a partir de diferentes barros, extraídos de diferentes terrenos e, por isso, com diferentes composições. Não me atreui, de forma alguma, à análise de minerais que compõem cada pigmento. Meu interesse não reside aqui, o que não descarta, também de forma alguma, que algum pesquisador se interesse por este assunto. Pois bem, a extração do óleo é feita da mistura da água, em maior parte, com a terra, torrões ou fragmentos de rochas. Segundo Tereza, primeira artesã com a qual conversei em meu percurso no mestrado, “A gente soca uma pedra e vai trocando a água até chegar na consistência e no tom desejado” (MACHADO, 2021, p.116). Zezinha, outra artesã que me presenteou com seu tempo e suas histórias, diz que “Da maneira que você vai dosando aí você tem o tom azul” (MACHADO, 2021, p.117).

O que me encantou e que me trouxe ao corpo todo a sensação daquelas conversas foi a relação, quase que íntima, das artesãs, com a água e com a terra. Era um corpo só... algum indício do que viria pela frente, talvez. Não havia balança, copo medidor, pipetas, luzes especiais, nem nada. Corpos. E corpos. A necessidade da artesã, em sua experiência, a fazia

colocar mais ou menos água. A peça a ser recoberta pelo óleo fazia com que a artesã misturasse mais ou menos carvão. Outra surpresa: o óleo, assim que passado nas peças, não revelava sua cor definitiva. Após a queima nos fornos o tom real seria desnudado. Videntes? Sábias. “A gente controla, mesmo, é no olho porque a gente não tem nada de medir. Se o fogo for muito, ela perde a cor e, se for pouco, ela não chega na beleza que tem que ser.” (MACHADO, 2021, p.117).

Processos que são controláveis no olho, segundo cada corpo, mas que chegam a artefatos próximos...

Fico pensando, aqui na mesa de peroba rosa, sobre processos e métodos, o quão rígidos eles precisam ser ou o quão rígidos fizeram com que acreditássemos fossem ser. Em uma pesquisa que se conecta com corpos e com a natureza funciona assim? Creio que não. Fico pensando nas experimentações com os óleos, não enquanto métodos, mas como uma (porque há outras) metodologia não-prescritiva, de escuta, com lentes desconstrucionistas, em que há “[...] um abandono de racionalidades e metodologias hermenêuticas de investigação entendidas como aquelas que buscam os verdadeiros significados das palavras, baseadas nos essencialismos” (RESTREPO & OSORIO 2020, p.59). Uma metodologia não extrativista, mas de partilhas, de dosagens, de sensações.

Na terapia de Wittgenstein, há de se notar que, “ela rejeita a concepção unilateral de significação que se ajustaria a toda e qualquer situação como é o caso de ver a matemática como um modo de produção de significado caracterizado como definicional, simbólico e internalista sempre que alguém for falar de matemática.” (Miguel et al., 2019, p.85).

Busco por algo mais fluido, mas não desleixado, algo em que as formas de vida, as artesãs em seus campos de artesanaria, joguem suas práticas sociais, com suas regras, seus sequenciamentos, fornecendo-me estímulos para a constituição do meu jogo. “Se a matemática é um jogo, então jogar um jogo é fazer matemática e por que não também bailar?” (WITTGENSTEIN, IF - §4). E por que, também, não “artesanar”?

Urge, incessantemente,

Desafiar limites, explorar as fronteiras, provocar a estrutura que proporciona estabilidade, resistir e cruzar os limites opressores da dominação pela raça, gênero e classe. Problematizar, ver de outros modos, olhar de múltiplos lugares, buscar por alternativas de ação, criar saídas. É o corpo nas práticas, um corpo que é submetido às práticas e que nelas se constitui. (ALMEIDA, 2018, p. 56)

Marcia Furlan Almeida, na passagem acima, instiga um posicionamento: vislumbrar novas perspectivas de corpoterritório que se movem, também, segundo ópticas da decolonialidade. Conhecer as gentes que colore o espaço é necessário para, então,

compreendermos as subjetividades que se apresentam naquele espaço constituído naquele território. Subjetividades essas que (r)existem e operam à despeito de quaisquer instrumentos normativos – Matemática – ou categorias de análises estabelecidas à priori. Ainda que, o método advogue pelo seu lugar na pesquisa, não é o essencial em percursos de (com)partilhamentos entre elementos naturais, humanos e não humanos.

Lidar com os usos de palavras como matemática sem, com isso, fixar unilateralmente um novo significado dessa palavra que se ajuste a todos os contextos de uso dela ou apontar dentre possíveis significados um que seja o melhorou que, essencialmente, represente a matemática. (JÚLIO, 2019, p.86)

O pensar [M]atemática[s] emerge em diferentes formas e em diferentes contextos, por isso a direção que aponta, nessas páginas, segue a [M]atemática[s] como um jogo de linguagem praticado por diferentes formas de vida. Ver [M]atemática[s], fazer [M]atemática[s], saber [M]atemática[s], pode ir além de uma parametrização ou algoritmização – aqui uso esse termo –. Pensando, também, na fluidez e na mutabilidade dos oleios, uma pesquisa que provoca tensões entre os campos de artesanaria e as monoculturas do saber não pode se permitir aprisionamento por métricas prescritivas da própria monocultura. Atentar-me-ei, então, para que essas sementes não sejam propagadas.

As experiências de todos os brincantes em seus jogos. Como Mombaça (2016), em leituras de Katz e Greiner (2004), jogar com o corpo, em estado transitório, incessantemente redefinido em função dos encontros nos quais não cessa de engajar-se. Nessa transitoriedade sujeita aos afetamentos do processo, esbarro-me com Renato Cohen (2016) e seu conceito de *work in progress* que opera a partir “da superposição de estruturas, de procedimentos gerativos, de hibridização de conteúdos, em que o processo, o risco, a permeação, o entremeio criador-obra, a iteratividade de construção e a possibilidade de incorporação de acontecimentos de percurso são as ontologias da linguagem” (COHEN, 2016, p.1). Este conceito é apropriado ao que pretendo justamente pelas possibilidades de construções de canais sujeitos aos acontecimentos ao longo de todo o percurso, confluyente a Cohen, contanto com o maior número de variáveis abertas partindo-se de um fluxo de associações, uma rede de interesses/sensações/sincronicidades para confluir em um roteiro. O produto é sujeito ao risco e inteiramente dependente do processo.

Derrida (2004) instiga-me e delicia-me a pensar que o que conta é a trajetória, o caminho a travessia, numa palavra, a experiência. A experiência é, então, o método, não um sistema de regras ou de normas técnicas para supervisionar uma experimentação, mas o caminho que se está fazendo, o trilhamento da “*rota (via rupta)*”. Experiência como método. Terapias como métodos. Terapias como possibilidade de desconstruir visões lineares. Assim como os oleios.

Daqui, soa-me convidativo e coerente aos deste projeto em diálogo com a decolonialidade, a expectativa do trabalho em progresso, com o abandono de redes de aprisionamento que não permitem o movimento fluido e próprio a cada corpoterritório.

Referências Bibliográficas

ALAMEIDA, M. F. **O corpo em cena**: para além da lógica dual. (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

ANTUNES, Carolina. **Movimentos do Jequitinhonha**: corpo e narrativa. Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2015.

COHEN, R. **Work in progress na cena contemporânea**: Criação, encenação e recepção. São Paulo: Perspectiva, 1997.

CRUZ HERNANDEZ, D. T. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. *Solar*, 12(1), p.35-46, 2017.

DERRIDA, J. Papel-máquina. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

HAESBARTH, R. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Schwarcz S.A., 2019.

MACHADO, R.A. **“A gente tem a experiência do barro”**: entre artesãs, Joana, Rafaéis e (quem sabe?) uma etnomatemática junto à decolonialidade. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em educação: conhecimento e inclusão social, UFMG, Belo Horizonte, 2021.

MIGUEL, A. Historiografia e Terapia na Cidade da linguagem de Wittgenstein. *Bolema*, Rio Claro (SP), v. 30, n. 55, p. 368 - 389, ago. 2016

MIGUEL, A; VIANNA, C.R; TAMAYO, C. Wittgenstein a educação. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.

MOMBAÇA, J. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. *Concinnitas*. v.1, n.28, set 2016.

PATAXOOP, S. **A criança afina o olhar**: vida e infância em Muã Mimatxi. Dissertação de mestrado. UFMG, Faculdade de Educação. 2021.

RESTREPO, A.M.Q; OSORIO, A.M. matemáticaS, educación y paz en la escuela. Dissertação de mestrado. Universidad de Antioquia. Colómbia, 2020.

TAMAYO, C. **Vení, vamos hamarcar el mundo, hasta que te asustes**: uma terapia do desejo da escolarização moderna. Tese de doutorado. UNICAMP, 2017.

WITTGENSTEIN, L. Investigações Filosóficas. Tradução de João José R.L. de Almeida. Wittgenstein Translations.